



# A face norte do coração Dolores Redondo

Tradução  
Ana Maria Pinto da Silva

 Planeta

Embora inspirado em parte em acontecimentos históricos,  
este romance contém personagens, lugares e circunstâncias fictícios.



*Para Aitor e June, por renunciarem a «nadar mais um pouco» para estar comigo. É um autêntico privilégio.*

*Para Eduardo. Sempre, tudo.*

*Para a minha agente, Anna Soler-Pont, pela sua contribuição, pela sua orientação e pelo seu incessante e incansável trabalho. Obrigada por ser a «policia má» dos meus romances e por ser a boa conselheira do meu dia a dia. Agradeço de todo o coração e «continuamos».*

*A Maria Cardona, por imprimir entusiasmo, firmeza e alegria no trabalho e demonstrar que tudo se pode fazer «melhor» com um sorriso. Obrigada por fazer com que pareça fácil.*

*A Ricard Domingo. Continuas a ter a capacidade de ver o invisível. Por muitos anos.*

*À memória de José Antonio Arrabal, que morreu na clandestinidade, mas não no esquecimento. Obrigada por ser meu leitor até ao fim.*



## A Face Norte

Este livro faz parte de um ciclo de romances inspirados no norte. Em alguns deles, Amaia Salazar é a protagonista; noutros, as personagens e os enredos entrecruzam-se criando um universo comum em que o norte nem sempre é um ponto cardeal, mas sim o fio condutor de todos eles.

Porque o lugar mais desolado do mundo é a face norte do coração humano.



## Prólogo

### Elizondo

Quando Amaia Salazar tinha doze anos esteve perdida no bosque durante dezasseis horas. Era de madrugada quando a encontraram a trinta quilómetros a norte do lugar onde se havia desviado do trilho. Desmaiada debaixo da chuva intensa, a roupa enegrecida e chamuscada como a de uma bruxa medieval resgatada de uma fogueira e, em contraste, a pele branca, limpa e gelada como se acabasse de surgir do gelo.

Amaia sempre afirmou que quase não se recordava de nada de tudo aquilo. Assim que abandonou o carreiro, o clipe na sua memória durava apenas alguns segundos de imagens repetidas uma e outra vez. A velocidade vertiginosa das suas recordações causava-lhe a sensação de um praxinoscópio de Reynaud, onde a sucessiva repetição de figuras em movimento acabava por causar o efeito de absoluta imobilidade. Às vezes perguntava-se se havia caminhado pelo bosque, ou talvez se tivesse limitado a ficar ali sentada e a permanecer imóvel contemplando a mesma árvore durante tanto tempo que o seu cérebro mergulhou numa espécie de hipnose, até gravar para sempre na mente a sua silhueta primitiva e maternal. Foi uma manhã de domingo como outra qualquer, em que saiu para dar uma volta junto com o seu cão, *Ipar*, na companhia do grupo de caminhantes de Aranza a que se havia juntado na primavera anterior. Gostava do bosque, mas havia acedido, sobretudo, para fazer a vontade à tia Engrasi, que há meses insistia dizendo-lhe que tinha de sair mais. Ambas sabiam que não podia fazê-lo pela aldeia. No último ano, os seus itinerários tinham vindo a restringir-se até se limitar a ir à escola e voltar



e acompanhar a tia à igreja aos domingos. O resto do tempo ficava em casa, sentada diante da lareira, a ler ou a fazer os trabalhos de casa, ajudando a tia nas limpezas ou cozinhando com ela. Qualquer pretexto era bom para não transpor a soleira da porta. Qualquer justificação servia para não ser obrigada a enfrentar o que acontecia na aldeia.

Sempre contou que só se recordava de ter estado a olhar para uma árvore, que não se lembrava de mais nada... embora isso não fosse bem assim. Na sua memória persistia a árvore, mas também a tempestade... e a casa no meio do bosque.

Quando recobrou os sentidos, viu o pai ao lado da cama do hospital. O rosto pálido, o cabelo molhado da chuva e colado à testa. A linha vermelha que lhe contornava as pálpebras irritadas pelo choro. Ao vê-la abrir os olhos, debruçou-se, protetor, o rosto crispado de preocupação, mas com um incipiente alívio. A expressão dele provocou-lhe uma imensa ternura que ameaçou sufocá-la de emoção. Ela amava-o, tal como sempre o amara. Preparava-se para lho dizer, mas então sentiu o leve roçar dos seus lábios cálidos sussurrando-lhe ao ouvido:

– Amaia, não contes nada disto a ninguém. Se gostas mesmo de mim, fá-lo-ás por mim. Não contes nada.

Todo o amor que sentia, que sempre sentira por ele, comprimiu-lhe o peito até lhe doer. As palavras destinadas a dizer-lhe o quanto gostava dele morreram dentro de si e ali ficaram como uma dolorosa recordação, presas às suas cordas vocais. Incapaz de emitir um único som, anuiu, e o seu silêncio transformou-se no último segredo que guardaria a pedido do pai e na razão por que deixou de amá-lo.

## Primeira parte

O compositor pensa o tempo todo na sua obra inacabada.

STRAVINSKY

Os mortos fazem o que podem.

ENGRASI SALAZAR



## Capítulo 1

### **Albert e Martin**

Brooksville, Oklahoma

*Albert*

Albert tinha onze anos e não era mau rapaz, mas no dia dos assassinios desobedeceu aos pais. Não o fez porque gostasse de os contrariar, foi apenas porque pensou que, à semelhança dos avisos anteriores, no fim não aconteceria nada. A previsão meteorológica estava há horas a advertir sobre a formação de uma grande tempestade, ventos quentes e frios que, ao colidir lá em cima, desceriam até tocar na terra em forma de tornados. Mas a verdade é que se encontravam em alerta constante desde o início da primavera. A mãe mantinha a televisão da cozinha no máximo volume de som apesar de o noticiário ser um ciclo que tornavam a emitir assim que terminava, e pobre de quem tivesse a ideia de baixar o volume ou mudar de canal. Os pais levavam muito a sério o assunto dos tornados e Albert não entendia porquê. Afinal de contas, a sua casa nunca fora afetada por um. Por conseguinte, quando pela manhã lhes disse que combinara com Tim, o filho dos Jones, ir brincar em casa deste, negaram-se de forma categórica a deixá-lo sair. A quinta dos Jones já tinha sido devastada por uma tempestade três anos antes e não havia razão para não acreditar que algo do género pudesse repetir-se. O assunto estava resolvido e não se falava mais nisso. Permaneceriam todos em casa e desceriam para o abrigo logo que soassem os alarmes.

Albert não protestou. Foi pôr a chávena no lava-louça depois de tomar o pequeno-almoço e escapuliu-se pela porta das traseiras. Já tinha

percorrido metade do caminho que separava a sua casa da quinta dos Jones quando começou a dar-se conta de que algo estranho se passava. As nuvens que cobriram o céu às primeiras horas da manhã deslocavam-se a toda a velocidade; o sol infiltrava-se no meio delas projetando sobre a terra silhuetas de luz e sombra. Nada se movia ao nível do solo, a calmaria enchia os campos, a maquinaria ficava nos celeiros, os pássaros haviam emudecido. Prestou atenção e só ouviu um cão a uivar ao longe, e seria mesmo um cão? Avistou a quinta dos Jones assim que as primeiras rajadas de vento se fizeram sentir. Assustado, desatou a correr, subiu as escadas do alpendre e esmurrou a porta com todas as suas forças. Ninguém respondeu. Contornou a casa até chegar à porta das traseiras, que sempre deixavam aberta, mas não hoje. Usando as mãos como pala junto aos vidros da janela, deu uma vista de olhos pela cozinha. Não havia ninguém. Então ouviu-o. Recuou dois passos e espreitou pela lateral da casa. O tornado bramava avançando pela pradaria deserta como uma sinistra porção de escuridão, envolta num manto de pó, neblina e destruição. Albert ficou imóvel a admirá-lo durante um instante, hipnotizado pela sua poderosa chegada à quinta e assombrado pela sua força magnética, à medida que os olhos se lhe enchiam de lágrimas de puro pânico e de areia em suspensão. Olhou em redor à procura de um lugar para onde fugir, onde abrigar-se.

Os Jones tinham um abrigo, talvez na parte da frente da quinta... mas não tinha a certeza, e já era tarde para voltar para lá. Correu na direção da capoeira, virou-se para trás uma vez de modo a ver avançar o monstro e continuou a correr até à pequena construção ao mesmo tempo que rogava para que não tivessem trancado a porta. Apalpou o toско ferro-lho, que pouco mais era do que uma placa que oscilava sobre um prego e se trancava entrando numa ranhura no lintel. Fechou-se por dentro. Durante um momento ficou na mais absoluta escuridão enquanto os seus olhos conseguiam acostumar-se à escassa luz que penetrava pelas frestas, ofegante, quase sufocado por causa da corrida e do cheiro asfíxiante a penas e a merda de galinha. Apalpou o bolso à procura do inalador ao mesmo tempo que o via mentalmente em cima da mesa ao pé da televisão. Obrigando-se a reprimir o choro, escutou a besta que rugia lá fora. Teria diminuído a sua fúria? Talvez estivesse a afastar-se? Atirou-se para

o chão sem reparar nas fezes moles e mornas que se entranharam no tecido das suas calças, e esquadrinhou por entre os intervalos das tábuas. Se o tornado havia mudado de direção por um momento, fizera-o apenas para voltar com mais força. Viu-o aproximar-se pela pradaria como um ser vivo composto por tudo o que tinha vindo a arrastar à sua passagem. Virou-se para o lado de dentro e só então, com os olhos já acostumados à penumbra, viu os animais. As galinhas tinham-se amontoado, umas em cima das outras, formando um recanto silencioso e compacto num dos cantos da capoeira. Sabiam que iam morrer, e nesse instante ele também o soube. A tremer dos pés à cabeça arrastou-se até junto das aves e, encolhendo-se o mais que pôde, sepultou-se entre elas apenas por um instante, antes de o tornado atingir a quinta. A silenciosa resignação com que as aves haviam aceitado o seu destino explodiu num queixume de cacarejos longos e profundos que se assemelhavam a gritos humanos de puro pânico. Albert também gritou chamando pela mãe, sentindo o ar que lhe escapava dos pulmões e visualizando os pequenos alvéolos que o médico lhe havia mostrado num esboço, dobrados sobre si, incapazes de albergar oxigénio. Ainda assim gritou, esvaziando-se, concentrando-se em escutar aquela gritaria que lhe pareceu de uma criança muito pequena. Soube que era o fim quando um instante mais tarde já não foi capaz de se ouvir, pois os rugidos da besta que estava lá fora apoderavam-se de tudo. A última coisa que sentiu antes de a capoeira desmoronar sobre ele foi o calor da urina que se derramava entre as suas pernas.

### *Martin*

O Sol brilhava no alto de um céu límpido e azul, nem uma única nuvem ofuscava a sua perfeição, quase como uma piada pós-apocalíptica. Martin deteve-se ao sentir uma gota de suor que lhe escorregava pela cabeça entre o cabelo curto e bem penteado. Passou a mão nervosa por ele e percebeu, preocupado, que o colarinho da camisa começava a ficar húmido. Com a biqueira do sapato engraxado afastou farpas de madeira e escombros até arranjar um espaço onde colocar a sua maleta. Tirou do bolso um lenço de linho branco e enxugou a nuca.

Dobrou-o e guardou-o de novo ao mesmo tempo que verificava a sua aparência. As calças bem engomadas, os sapatos impecáveis. O sóbrio *blazer* de sarja macia, no entanto, tinha sido um erro. Devia ter escolhido um casaco mais leve prevendo o calor depois da passagem do tornado. Até onde a vista alcançava, tudo era devastação, à exceção do pequeno celeiro vermelho junto às escadas que desciam até ao abrigo onde se havia refugiado a família Jones. Pegou de novo na maleta e encaminhou-se até lá. Os dois portões abertos de par em par e uma forte corrente que ainda pendia das pegas interiores denunciavam a pressa com que havia sido abandonado. Deteve-se um instante e aspirou o odor que emanava da terra escura da cave; cheirava a mofo, a turfa e, ao de leve, a urina. Sentiu que o coração se lhe acelerava. Não havia ninguém ali. Martin caminhou em direção à quinta, ou ao que restava dela.

### *Albert*

Albert acordou. Antes de abrir os olhos percebeu de imediato que não se podia mexer, sentia uma enorme pressão sobre o peito. Ao longe ouviu as vozes da família Jones e começou a chamá-los aos gritos. Os seus pulmões comprimidos pelo peso apenas suportaram três exalações antes de desmaiar.

Despertou de novo à luz agressiva e ofuscante. Não sabia quanto tempo tinha estado inconsciente, mas desta vez predispôs-se a não ficar histérico até perder os sentidos como da primeira vez. Recapitulou a sua situação: não podia mexer-se. Uma tábua, por certo do telhado da capoeira, cobria-o por completo, mas calculou que devia ter mais alguma coisa em cima de si, algo muito pesado. Com a mão esquerda conseguiu apalpar o rebordo da tábua, que não era muito larga, portanto o mais provável é que tivesse caído sobre a tábua uma das grossas vigas que sustentavam o galinheiro. Arquejou respirando pela boca. A testa ardia-lhe no sítio onde as farpas de madeira lhe haviam arrancado a pele, e sentia o nariz entupido de muco e sangue, o que o impedia de notar o sufocante fedor das aves. A estrutura comprimia-lhe o peito e sem dúvida que lhe devia ter partido o pé esquerdo. Ainda imóvel, sentia-o

preso e dilacerante como cacos de vidro. Junto à mão direita sentiu o cadáver ainda morno de uma ave. Começou a chorar, mas sabia que não devia deixar-se arrastar pelo pavor, e esforçou-se para se lembrar de que devia acalmar-se de modo a controlar os seus ataques de asma. Respirou profunda e penosamente pela boca com inalações que eram tão intensas quanto as pesadas tábuas sobre o seu peito lho permitiam. «Muito bem, Albert, estás a portar-te muito bem, querido», ouviu a voz da mãe, que costumava ajudá-lo durante os ataques. Ao pensar nela voltou a sentir vontade de chorar, reparou como os olhos se lhe enchiam de lágrimas e sentiu-se pateta e pequeno. Reprendendo-se a si mesmo, imprimiu ao seu corpo um solavanco involuntário, que se espalhou até ao pé despedaçado, o que o fez arquejar de dor e deitar a perder o frágil controlo que havia conseguido manter sobre a respiração. Por isso, durante os minutos seguintes concentrou-se a contar de cabeça as inalações e expirações, mantendo a mãe afastada dos seus pensamentos, até que conseguiu sossegar um pouco. Virou então a cabeça sobre o ombro direito, arranhando de novo a testa, para tentar ver alguma coisa através da abertura que as tábuas haviam deixado ao cair.

Ele era um rapaz do campo, e embora da posição em que se encontrava não pudesse avistar o céu, soube pela intensidade da luz que passava pouco do meio-dia e que o tornado varrera qualquer rasto de nuvens que o cobriam de manhã. Pensou também que era uma sorte que o senhor Jones tivesse cortado a relva dois dias antes, caso contrário, não teria podido ver desde o chão o homem que vinha a caminhar pela pradaria. Soube de imediato que não era o senhor Jones. Um distintivo brilhava-lhe sobre o peito e trazia uma maleta. Albert respirou fundo enchendo os pulmões o máximo que pôde e gritou, se bem que da sua boca tenha brotado apenas um grunhido rouco e estrangulado. O homem desviou por uns instantes o olhar dos escombros da capoeira. Albert teve a certeza de que iria ter com ele, mas então a galinha que tomara por morta junto à sua mão direita começou a mexer-se em direção à fresta aberta entre as tábuas e saiu para a pradaria. O homem desviou o olhar e encaminhou-se de novo na direção da quinta. Albert desatou a chorar sem se importar se ficasse sufocado por causa disso; ao fim e ao cabo, tinha a certeza, ia morrer.



*Martin*

À medida que se aproximava distinguiu os lamentos silenciosos da desolação. Escutara-os dezenas de vezes. Pouco importavam as palavras. Todos os sobreviventes de uma tragédia, sem exceção, falavam da mesma maneira. A voz estrangulada na garganta esforçava-se por transmitir uma coragem patética e esperançosa que nascia degolada, esvaindo-se em sangue e perdendo as suas exíguas forças enquanto os proprietários revolviam os escombros em busca de algo, o que quer que fosse, a que agarrar-se, que lhes devolvesse um pouco de esperança com que alimentar a suposta sorte de ter sobrevivido.

Uma rapariga de cerca de dezasseis anos ia recuperando do meio dos escombros coloridas *écharpes* que sacudia como fitas de ginástica, descrevendo no ar um rasto empoeirado antes de as colocar ao pescoço. Foi a primeira a vê-lo. Avisou a família ao mesmo tempo que apontava para ele com dedos compridos de unhas curtas pintadas de preto. Contemplaram-no através do buraco do que havia sido uma janela; a pradaria parecia semeada de farpas de madeira e o homem avançava por ela em direção à quinta. Martin observou-os satisfeito. Havia mais dois rapazes: outro adolescente, mais ou menos da mesma idade, e um rapaz que não chegaria aos doze anos. O mais velho usava uma *T-shirt* de um grupo de *rock* e o mais novo tinha o cabelo demasiado comprido para um rapaz. O senhor Jones não o decepcionou. Choramingava sentado nos degraus do que restava do alpendre. Martin reparou que abandonara num dos degraus, ao seu lado, uma garrafa de água, umas tabletes de chocolate e uma pistola. Agarrava a cabeça entre as mãos num gesto de absoluta impotência enquanto a sua mãe idosa, sentada ao pé dele, o consolava embalando-o como a uma criança pequena. De pé, afastada uns quantos passos deles, uma mulher de cerca de quarenta e cinco anos fitou-o inquiridora e descarada. A jovem senhora Jones, pressupôs. Magra e bonita, tinha o cabelo pintado de uma cor avermelhada e artificial que não a favorecia e segurava no colo um desses cães pequenos e estúpidos, que não parava de ganir. Martin assegurou-se uma vez mais de que a sua identificação fosse bem visível sobre o peito. Todo o grupo pareceu animado em vê-lo, largaram o que tinham nas mãos e, por instinto, dirigiram-se até ao que

havia sido a porta da casa, embora grande parte da parede desse lado tivesse desaparecido. A senhora Jones foi a primeira a reagir. Sem largar o cãozinho, ajeitou o decote da blusa e alisou o cabelo ao de leve, antes de começar a descer as escadas para receber Martin com o seu melhor sorriso. Também ele sorriu, odiando-a com toda a sua alma por ser capaz de tanto mal, de tanta corrupção, de tanto horror, de enfurecer Deus. Estendeu a mão e, antes de tocar na dela, já havia decidido que, embora o mais certo e o que preferia teria sido começar pela velha, desta vez ela seria a primeira que mataria.

*Albert*

Albert escutou os gritos e os disparos. Abriu muito os olhos e parou de chorar. Se calhar, depois de tudo, aquele era afinal o seu dia de sorte.